

## A poesia em Tomás de Aquino

Ivanaldo Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é apresentar e analisar brevemente a poesia de Tomás de Aquino. Afirma-se que a poesia de Tomás de Aquino é mística, ética e humanística. Uma poesia que apresenta a síntese do mistério da Eucaristia e, ao mesmo tempo, clama para que Deus conceda ao ser humano inteligência e sabedoria. Um clamor profundamente ético e humanístico.

**Palavras Chave:** Tomás de Aquino. Poesia. Mística. Ética.

### Poetry in Thomas Aquinas

**Abstract:** The main aim of this article is to present and briefly analyze Thomas Aquinas' poetry. It is said that Aquinas' poetry is mystical, ethical and humanistic. A poetry that presents a synthesis of the Eucharist mystery and claims that God grant human being intelligence and wisdom. A clamor profoundly ethical and humanistic.

**Keywords:** Thomas Aquinas. Poetry. Mysticism. Ethics.

O objetivo desse artigo é apresentar e analisar brevemente a poesia de Tomás de Aquino. Afirma-se que a poesia de Tomás de Aquino é mística, ética e humanística. Uma poesia que apresenta a síntese do mistério da Eucaristia e, ao mesmo tempo, clama para que Deus conceda ao ser humano inteligência e sabedoria. Um clamor profundamente ético e humanístico.

Existe um tema que, até há pouco tempo, raramente ou quase nunca era relacionado com a obra de Tomás de Aquino. Esse tema é a poesia. Constantemente falava-se, com grande precisão e acerto, da metafísica tomista, da teologia tomista da ética tomista ou de outro aspecto presente no pensamento do Aquinate. No entanto, a poesia ficava, quase sempre, de fora nessas enunciações. Uma prova disso é que importantes manuais e intérpretes do pensamento tomístico quase não falam da dimensão poética presente em sua obra. Entre esses intérpretes é possível citar, por exemplo, João Ameal<sup>2</sup>, que publicou o importante livro *A revolução tomista*, um livro que apresenta, com grande brilhantismo, os avanços do neotomismo na primeira metade do século XX. Além disso, podem ser citados: *As grandes teses da filosofia tomista*, de A. D. Sertillanges<sup>3</sup>, um livro que apresenta, de forma resumida, as grandes linhas do pensamento de Tomás de Aquino, e *Lições de filosofia tomista*, de Manuel Corrêa de Barros<sup>4</sup>, um clássico do comentário à Tomás escrito no século XX.

A visão que se tinha era a de que um grande e vigoroso filósofo, como Tomás de Aquino, não poderia, em tese, ter escrito um conjunto de poemas. Isso acontece, principalmente, pelo fato de ter se criado uma imagem, dentro da tradição do

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem da UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> AMEAL, J. *A revolução tomista*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1952.

<sup>3</sup> SERTILLANGES, A. D. *As grandes teses da filosofia tomista*. Braga, Portugal: Livraria Cruz, 1951.

<sup>4</sup> BARROS, M. C. *Lições de filosofia tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945.

pensamento ocidental, que o Aquinate é um racionalista ferrenho, um seguidor radical de Aristóteles. Por causa disso espera-se que sua obra fosse, na totalidade, um conjunto de postulados e artigos puramente racionais que tratam, com rigor metodológico, diversas questões presentes na tradição do *Canon* ocidental, tais como: Deus, a razão, a fé, o Estado e outras. Encontrar no *corpus* tomista algum poema escrito pelo próprio Aquinate, de certa forma, é romper com essa visão.

É preciso ter consciência que existem dezenas e dezenas de momentos de pura inspiração poética dentro da obra de Tomás de Aquino. Um pequeno, mais ilustrativo exemplo disso, é uma parte onde o Aquinate fala, no artigo 1 da *Questão disputada sobre o verbo*, do verbo. As suas palavras, de cunho poético, são as seguintes: “o verbo eterno é comparado ao verbo do coração segundo a verdadeira natureza do verbo interior”<sup>5</sup>. É por causa desse conteúdo poético, presente e diluído, muitas vezes, dentro da obra de Tomás de Aquino, que Jean Lauand<sup>6</sup>, um dos maiores interpretes do Aquinate no Brasil, afirma que o Aquinate consegue tratar, com brilhantismo, temas de profunda reflexão filosófica (Deus, a razão, etc), os quais influenciaram e continuam a influenciar a tradição ocidental, com forte presença da linguagem poética. Para ele, o Aquinate consegue ir buscar no cotidiano exemplos e figuras para ilustrar poeticamente o conteúdo argumentativo da discussão que está sendo travada.

Dentro dessa discussão é preciso recordar a formulação de Newton de Oliveira Lima<sup>7</sup>, para o qual a construção do saber no Ocidente não é puramente racional e escrita puramente na forma de prosa. Para ele o saber ocidental, apesar de seu traço central ser a racionalidade, é construído, desde a antiguidade pré-socrática, por meio da poesia. Ela é um elemento essencial do saber ocidental, apesar de ser um elemento, muitas, vezes, esquecido e negligenciado.

É por isso que, de um lado, Tomás de Aquino é a inspiração para se escrever e publicar poemas. São poemas, na sua maioria, de conteúdo filosófico e teológico. Talvez o mais ilustrativo exemplo dessa questão seja Dante Alighieri<sup>8</sup> que ao escrever a *Divina comédia*, no século XIV, redige um verso poético elogiando o Doutor Angélico. Em suas palavras:

Tomás de Aquino sou; está-me vizinho  
À destra de Colônia o grande Alberto  
A quem de aluno e irmão devo o carinho.  
Se do mais todos ser desejas certo,  
Na santa cúria atenta cuidadoso,  
A tua vista a voz me siga perto.

Outro exemplo dessa questão é o dominicano João Pinharanda Gomes<sup>9</sup> que publicou, em 1978, três poemas de conteúdo filosófico e teológico neotomista. São poemas inspirados e que, ao mesmo tempo, trazem como agente principal a figura de Tomás de Aquino. Já Bernardo Veiga de Oliveira Alves<sup>10</sup>, em 2010, publicou um poema, cujo título é *Tomás de Aquino: poema*. Um poema composto por sete sonetos, cada um deles representando as sete primeiras idades classificadas por Solón (638-558

<sup>5</sup> AQUINO, T. *Questão disputada sobre o verbo*. In: *Verdade e conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 321.

<sup>6</sup> LAUAND, J. A poesia e os fundamentos do ato poético. In: *Filosofia, linguagem, arte e educação*. São Paulo: Factash, 2007, p. 242.

<sup>7</sup> LIMA, N. O. Existência e transcendência: uma miscelânea de poética filosófica. In: *Desenredos*, Ano III, n. 9, Teresina, abril/junho 2011, p. 2.

<sup>8</sup> ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. São Paulo: Martin Claret, 2012, Canto X, 97 – 102.

<sup>9</sup> GOMES, J. P. Três poemas do neotomismo. In: *Dominicanos*, porto, 1978.

<sup>10</sup> ALVES, B. V. O. Tomás de Aquino: poema. In: *Aquinate*, Niterói, n. 12, 2010, 3-7.

a. C.), o legislador ateniense que divide o ser humano em dez idades de sete anos, dos 49 ou 50 anos de vida de Tomás de Aquino. No primeiro verso do quarto soneto Bernardo Veiga de Oliveira Alves<sup>11</sup> sintetiza, em termos poéticos, o pensamento do Aquinate. Em suas palavras:

Enfim, defendia em última instância  
A filosofia do ser. Tivera  
Bem claro o fundamento na substância  
Dos entes e fugira das quimeras.

Ainda com relação ao fato de Tomás de Aquino ser a inspiração para se escrever e publicar poemas, Sílvia Araújo Motta<sup>12</sup> publicou, em 2008, um poema, cujo título é *Justiça: São Tomás de Aquino*, que apresenta uma síntese biográfica do Aquinate. Apenas a título de ilustração do conteúdo do poema, no quarto verso está posto:

Aplicou a filosofia de Aristóteles ao Cristianismo!  
Quando Tomás foi acusado de heresia, pelo Bispo [de Paris], fez  
Uma defesa brilhante bem sucedida perante a Inquisição!  
Indicou a solução para o problema das relações,  
Naquela época, entre a Razão e a Fé. Tratou como ciência,  
Os fundamentos da Filosofia (razão) e da Teologia (divinos).

Do outro lado, o pensamento e os argumentos desenvolvidos por Tomás de Aquino são utilizados para interpretar a poesia de importantes e influentes poetas do Ocidente. Um bom exemplo disso é a pesquisa desenvolvida por João de Scantimburgo<sup>13</sup>, o qual analisa a poesia de Luiz de Camões, um clássico da poética ocidental, à luz do pensamento tomístico. Para ele a “heurística desenvolvida por São Tomás é um dos mais sofisticados sistemas de compreensão do pensamento e, por isso, pode ser aplicada a poética”<sup>14</sup>.

Além disso, é preciso observar que Tomás de Aquino deixou, dentro do amplo conjunto de sua obra, alguns poemas. São poemas, como bem explicou Elcias Ferreira da Costa<sup>15</sup>, místicos que, por conseguinte, falam de Jesus Cristo, da Eucaristia e de outros valores centrais para a fé cristã. Sobre o conteúdo místico presente na obra do Aquinate, Plínio Maria Solimeo<sup>16</sup> esclarece que Tomás de Aquino sempre foi, desde criança, um homem de profunda reflexão e vivência mística. O Aquinate, além de ser um grande intelectual e um competente professor, era um homem de oração e de contemplação mística. Ele tinha o costume de iniciar o dia com uma oração, sempre que ia estudar ou fazer qualquer outra atividade fazia uma oração e diante de qualquer desafio ou missão que a Igreja e/ou sua ordem religiosa, ou seja, a Ordem dos Pregadores (OP), lhe confiassem, ele sempre fazia uma oração antes de dar início as atividades.

---

<sup>11</sup> ALVES, B. V. O. Tomás de Aquino: poema, op. cit., p. 5.

<sup>12</sup> MOTTA, S. A. Justiça: São Tomás de Aquino. In: *Direito e Poesia*. 12 de julho de 2008. Disponível em <http://direitoepoesiaumametafora.blogspot.com.br/2008/07/justia-so-toms-de-aquino.html>. Acessado em 01/09/2012.

<sup>13</sup> SCANTIMBURGO, J. *Interpretação de Camões à luz de S. Tomás de Aquino*. São Paulo: USP, 1978.

<sup>14</sup> SCANTIMBURGO, J. *Interpretação de Camões à luz de S. Tomás de Aquino*, op. cit., p. 12.

<sup>15</sup> COSTA, E. F. A poesia mística de Tomás de Aquino. In: *Ágora Filosófica*, v. 5, n. 1, 2005, p. 31.

<sup>16</sup> SOLINEO, P. M. *São Tomás de Aquino: padroeiro dos professores e dos estudantes universitários*. São Paulo: Artpress, 2005, p. 4.

Ainda segundo Elcias Ferreira da Costa<sup>17</sup> a poesia construída pelo Aquinate é uma poesia escrita em latim e que não acompanha a métrica clássica. Muito provavelmente a influência que Tomás de Aquino teve para escrever seus poemas foi a poesia popular provençal, que era muito comum em seu tempo, ou seja, no século XIII. A poesia do Aquinate obedece a uma cadência rítmica, fazendo rima entre os versos. Por sua vez, as figuras de linguagem, como, por exemplo, trocadilhos, contrastes, antíteses e até mesmo evocações sonoras, dão graça e sonoridade musical aos poemas. Com relação à possível influência da poesia popular provençal em Tomás de Aquino, um tipo de poesia muito difundida na época, Jean Lauand<sup>18</sup> observa o fato de haver, no *corpus* tomista, uma forte presença de elementos do cotidiano e da cultura popular reinantes no século XIII. Na essência, Tomás de Aquino é um pensador que realiza sua reflexão a partir e com a cultura popular. Ao contrário do que se tentou se vulgarizar, ele não é um puro erudito, avesso a qualquer diálogo com a cultura popular e com a poesia.

São ao todo seis poemas místicos que Tomás de Aquino escreveu, sendo eles: *Ofício da Festa de Corpus Christi*, *Hino para o Canto das Laudes*, *Sequentia da Missa*, *Hino para as II Vésperas*, *Rito para o Momento de Elevação* e *Concedei-me*. O Doutor Angélico compôs um pequeno, mais importante, grupo de orações-poemas ou poemas místicos. Nesses poemas não se encontra o pensador sistemático e metódico, o exegeta bíblico ou o comentador esmerado de Aristóteles. Esses poemas apresentam, ao grande público, outra dimensão de Tomás de Aquino. Trata-se de um Aquinate místico, amante do verso livre, da rima casual e da liberdade da palavra e do som.

De acordo com Elcias Ferreira da Costa<sup>19</sup> cinco desses poemas, com exceção de *Concedei-me*, constam do ofício litúrgico da festa de *Corpus Christi*<sup>20</sup>, instituída pelo papa Urbano IV, em 1264, e cujo texto teria sido redigido pelo próprio Tomás de Aquino, por encomenda do referido pontífice. Essa informação é transmitida pelo discípulo do Aquinate, Ptolomeu de Luca (1236-1326), por volta do ano de 1317. Durante muito tempo houve dúvidas sobre se realmente esse pequeno conjunto de poemas eram de Tomás de Aquino. No entanto, atualmente essa dúvida foi abolida e, com isso, afirma-se a autenticidade dos poemas para o Aquinate. De acordo com Jean-Pierre Torrell<sup>21</sup>, hoje em dia, após as pesquisas desenvolvidas pelo padre Pierre-Marie Gy, a atribuição a Tomás de Aquino dos poemas não pode, razoavelmente, ser posta em dúvida.

No décimo verso do poema *Sequentia da Missa*<sup>22</sup> o Aquinate apresenta a meta central dos poemas escritos para o ofício litúrgico da festa de *Corpus Christi*. Em suas palavras:

Aos cristãos um dogma é dado:  
Que o pão se converta na carne  
E no sangue se converta o vinho.

Essa meta é reforçada no terceiro verso do poema *Hino para o Canto das Laudes*<sup>23</sup>, onde se lê:

---

<sup>17</sup> COSTA, E. F. A poesia mística de Tomás de Aquino, op. cit., p. 31.

<sup>18</sup> LAUAND, J. A poesia e os fundamentos do ato poético, op. cit., p. 245.

<sup>19</sup> COSTA, E. F. A poesia mística de Tomás de Aquino, op. cit., p. 52.

<sup>20</sup> AQUINO, T. Poesia. In: *Ágora Filosófica*, v. 5, n. 1, 2005, p. 38-52.

<sup>21</sup> TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 321.

<sup>22</sup> AQUINO, T. Poesia, op. cit., p. 46.

<sup>23</sup> AQUINO, T. Poesia, op. cit., p. 41.

Aos quais, debaixo de duas espécies [pão e vinho],  
Sua carne e seu sangue entregou,  
A fim de que, nessa dúplice substância  
Alimentasse integralmente o homem.

O coroamento dessa meta é o décimo terceiro verso do poema *Sequentia da Missa*<sup>24</sup> onde o Aquinate expõe sua conclusão poética. Em suas palavras:

A carne é comida e o sangue é bebida,  
Todavia é o Cristo inteiro  
Que está em ambas as espécies

A meta central do Aquinate, ao escrever o conjunto de poemas que compõem o ofício litúrgico da festa de *Corpus Christi*, é refletir, mística e poeticamente, sobre um dos dogmas centrais da fé cristã que afirma que, por um milagre, o pão eucarístico se converte no corpo de Cristo e que, por sua vez, o vinho se converte no sangue de Jesus Cristo. Um sangue que é “derramado por muitos, para remissão dos pecados” (Mateus 26, 28)<sup>25</sup>. Essa fé é fundamentada nas palavras do próprio Jesus Cristo que disse: “Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (João 6, 53). Por causa disso o próprio Jesus Cristo afirma ser o “[...] pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo” (João 6, 51).

A transformação do pão e do vinho, respectivamente, no corpo e no sangue de Jesus Cristo é abordada por Tomás de Aquino em outros momentos de sua obra. Por exemplo, nas Questões números de 57 a 59, da terceira parte da *Suma Teológica*<sup>26</sup>, o Aquinate também aborda esse mesmo problema. Nessa parte da *Suma* ele aborda a questão da transformação e do milagre Eucarístico de forma teológica e filosófica. No entanto, mesmo nesse momento ele conserva um forte teor místico, espiritual e poético. Quando o assunto é a Eucaristia, Tomás de Aquino, além de filósofo e teólogo, é também um poeta e um místico.

No oitavo verso do poema *Sequentia da Missa*<sup>27</sup>, Tomás apresenta o milagre Eucarístico, que é adorado durante a festa de *Corpus Christi*, como sendo o ente material que afasta o mal e, por conseguinte, revela a verdade e a luz. Esse verso é uma metáfora, pois o próprio Jesus Cristo apresenta-se como a verdade. Nas palavras do Cristo: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14, 6). Além disso, ele se apresenta como a luz que ilumina o mundo. Em suas palavras: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8, 12). É por causa disso que, nesse verso, o Aquinate apresenta-o como sendo a verdade e a luz que afasta o mal. Nesse verso podemos ler:

O fato novo afasta os ritos velhos,  
A verdade afugenta a sombra figurativa  
A luz apaga a noite

---

<sup>24</sup> AQUINO, T. Poesia, op. cit., p. 46.

<sup>25</sup> Todas as citações ou referências a *Bíblia* foram retiradas da seguinte versão do texto sagrado: BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

<sup>26</sup> AQUINO, T. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>27</sup> AQUINO, T. Poesia, op. cit., p. 45.

Para o Doutor Angélico a consequência, mística e poética, do fato de Jesus Cristo, na Eucarística, ser a verdade e a luz do e para o mundo é a purificação espiritual do indivíduo e a salvação da humanidade. Essa consequência ele expõe no quinto verso do poema *Rito para o Momento de Elevação*<sup>28</sup>. Em suas palavras:

Senhor Jesus, pelicano generoso,  
De minhas impurezas purifica-me com teu sangue,  
Do qual uma só gota é suficiente  
Para salvar de todo crime o mundo inteiro.

O sexto poema escrito por Tomás de Aquino é a oração *Concedei-me*<sup>29</sup>. De acordo com Felipe de Azevedo Ramos<sup>30</sup> essa oração-poema, assim como os demais poemas místicos escritos pelo Aquinate, não segue uma métrica clássica rigorosa. Tomás era, acima de tudo, um contemplativo que buscava no verso simples, e muitas vezes livre, expressar os mais profundos sentimentos místicos, espirituais e religiosos presentes no íntimo da humanidade. Assim como com os demais poemas, houve um período em que a autoria de *Concedei-me* foi questionada. No entanto, hoje, praticamente não há mais dúvida sobre o fato do Aquinate ter escrito essa oração-poema. O motivo central é que ela está inserida na quarta e última revisão da obra de Tomás de Aquino realizada, no século XIV, por Guilherme de Tocco e que consta da sua *História de São Tomás de Aquino*. Esse fato é de suma relevância, pois a quarta revisão da bibliografia tomista feita por Guilherme de Tocco realiza uma severa pesquisa sobre o tema da oração e da contemplação na obra do Aquinate.

A oração-poema *Concedei-me* tratava-se da oração que o próprio Tomás de Aquino, homem místico e espiritual, compôs e que orava todos os dias pela manhã. Dos poemas escritos por ele, *Concedei-me* é o mais popular. Ele é citado em várias coleções da poesia medieval e contemporaneamente aparece em alguns sites e blogs, na internet, que tratam de poesia. Entre esses sites e blogs é possível citar, por exemplo, *Poemas e Sonetos*<sup>31</sup> e *Poemas & Poesias*<sup>32</sup>.

O Aquinate inicia *Concedei-me* com um pedido ético, humanístico e místico. Ele não pede a Deus riqueza, poder ou honrarias sociais, mas pede unicamente coragem para estudar e prudência ao realizar suas investigações filosóficas e teológicas. Em suas palavras: “Concede-me [Senhor] prudentemente investigar / Sinceramente apreciar”<sup>33</sup>. É um pedido semelhante ao que Salomão realiza no Antigo Testamento. Conta à narrativa bíblica que o Rei Salomão não pediu a Deus riqueza material e glória social, mas unicamente sabedoria. Por causa desse pedido, que, segundo o texto bíblico, agradou a divindade, "Deus deu, a Salomão, sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar" (I Reis 4, 29). Talvez pelo fato do Aquinate, todos os dias pela manhã, fazer esse sábio pedido, por meio de uma oração-poema, Deus tenha ouvido e visto à sinceridade de suas intenções e tenha, por causa disso, lhe concedido o dom de se tornar um dos maiores pensadores de toda a história da humanidade capaz de dialogar com as

---

<sup>28</sup> AQUINO, T. Poesia, op. cit., p. 52.

<sup>29</sup> AQUINO, T. Concedei-me. In: *Lumen Veritatis*, Revista de Inspiração Tomista, v. 5, n. 18, jan./mar. 2012, p. 115-117.

<sup>30</sup> RAMOS, F. A. Introdução. AQUINO, T. Concedei-me. In: *Lumen Veritatis*, Revista de Inspiração Tomista, v. 5, n. 18, jan./mar. 2012, p. 115.

<sup>31</sup> AQUINO, T. Concedei-me. In: *Poemas e Sonetos*, 20 de janeiro de 2009. Disponível em <http://poemasesonetos.arteblog.com.br/122331/Sao-Tomas-de-Aquino/>. Acessado em 06/09/2012.

<sup>32</sup> AQUINO, T. Concedei-me. In: *Poemas & Poesias*. Disponível em <http://portalcot.com.br/poesias/milena-lima/oracao-de-sao-tomas-de-aquino/>. Acessado em 01/09/2012.

<sup>33</sup> AQUINO, T. Concedei-me. In: *Lumen Veritatis*, op. cit., p. 115.

“verdades de qualquer época”<sup>34</sup>. Trata-se, pois, de um sábio pedido. Contemporaneamente as pessoas, muitas vezes, se aproximam de Deus em busca de favores, de riquezas e de honrarias sociais. Poucas são as pessoas que atualmente buscam, como Tomás de Aquino e o Salomão bíblico, a sabedoria, a capacidade de realizar uma pesquisa filosófica e científica de forma séria e equilibrada.

A oração-poema *Concedei-me* é uma reflexão mística e, ao mesmo tempo, um clamor a Deus. Trata-se de um clamor que reconhece que Deus deve ser o primeiro e o centro da vida humana. Isso acontece porque todas as coisas que existem e todas as realizações humanas existem apenas “para louvor e glória de vosso nome [Deus]”<sup>35</sup>.

Por causa disso Tomás de Aquino desenvolve uma série de nove versos onde expõe, com singela beleza, que ele, o próprio Aquinate, e a humanidade nada podem fazer sem Deus. É preciso observar que os versos da oração-poema *Concedei-me* são escritos em verso livre. Bem no estilo provençal que, no século XIII, estava em moda. Para ele todos os atos cotidianos praticados pelos indivíduos e todas as coisas que existem só tem sentido diante da presença de Deus. Por isso a vida humana deve ser uma constante oração. Em suas palavras:

Que nada me alegre senão o que me leva a Vós [Deus],  
Nem me entristeça, senão o que me afasta de Vós,  
Que a ninguém deseje comprazer, ou temer desagradar, senão a Vós,  
Que as coisas passageiras a mim se aviltem por Vós,  
Estimadas me sejam todas as coisas, mas Vós  
Ó Deus, mais que tudo<sup>36</sup>.

Fundamentado no princípio místico e filosófico que afirma que o ser humano nada pode fazer sem a ajuda de Deus, Tomás de Aquino, no oitavo verso de *Concedei-me*<sup>37</sup>, pede a Deus que lhe dê inteligência e sabedoria para guiar suas pesquisas, ou seja, ele retoma o mesmo pedido que abre a oração-poema. Um pedido ético e humanístico que, em tese, deve ser seguido por muitos indivíduos que atualmente pedem a Deus riqueza e honrarias sociais. Além disso, ele pede a Deus que conceda o dom de ser fiel e perseverante tanto na vida e na disciplina cristã como nas atividades acadêmicas e de pesquisa. Em suas palavras:

Concedei-me, generosamente, Senhor meu Deus:  
Uma inteligência para Vos conhecer,  
Um amor para Vos buscar,  
Uma sabedoria para Vos encontrar,  
Uma vida para Vos agradar,  
Uma perseverança fiel para Vos esperar,  
E, por fim, uma confiança para Vos abraçar.

Por fim, afirma-se que muito mais pode ser esclarecido sobre o conteúdo místico e de outras naturezas teóricas presentes na poesia de Tomás de Aquino. No entanto, os estreitos limites de um artigo científico impedem o aprofundamento desse

---

<sup>34</sup> FAITANIN, P. *A Sabedoria do Amor. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Niterói: Instituto Aquinate, 2008, Coleção Cadernos da Aquinate, n. 2, p. 20.

<sup>35</sup> AQUINO, T. *Concedei-me*. In: *Lumen Veritatis*, op. cit., p. 115.

<sup>36</sup> AQUINO, T. *Concedei-me*. In: *Lumen Veritatis*, op. cit., p. 116.

<sup>37</sup> AQUINO, T. *Concedei-me*. In: *Lumen Veritatis*, op. cit., p. 117.

instigante tema. Esse aprofundamento poderá ser feito em estudos futuros. Apenas reforça-se a análise, realizada ao longo da discussão, que a poesia de Tomás de Aquino é mística, ética e humanística. Uma poesia que apresenta a síntese do mistério da Eucaristia e, ao mesmo tempo, clama para que Deus conceda ao ser humano inteligência e sabedoria. Um clamor profundamente ético e humanístico.

Recebido para publicação em 05-08-12; aceito em 10-09-12